

Existências negras: inspire que a luta depende de nós

» MARIANA ALMADA
Professora, psicanalista e fotógrafa



Maurenilson Freire

Vamos dar uma pausa, res-pi-re-mos e inspiremo-nos. Peito para fora, vamos lá, lutas e forças! Peito para dentro, fragilidades e forças! A cada evento, resistências negras! E, com eles, a discussão das nossas pautas, sobretudo as que nos custam caro — por serem fundamentais para o desenrolar dos racismos que nos afetam, o que evoca sentimentos, sensações prejudiciais, apontando sérios problemas de saúde mental.

Vamos fazer um recorte para reflexão das pessoas de luta. É sabido que os movimentos, como os sociais, antirracismo, feministas, no intuito de “combater o bom combate”, naturalmente fazem com que as pessoas abram seus peitos para os enfrentamentos em busca de soluções plausíveis. Falamos aqui de todas as pessoas que colocam seus corpos, suas vozes, seus punhos cerrados à frente de manifestações, numa atitude de força e coragem em defesa de suas comunidades. É uma questão de tomada de consciência e duras críticas ao sistema que distancia, mata e massacra a população negra. Visto que seja assim, é de nosso entendimento que, ao fazer ecoar nossa história, reconhecimento e reparações, acirram nossa luta de peito pra fora.

O racismo tem seus disfarces. Pode vir sutil, voraz ou agressivo. Chega rasgando nossos peitos e punhos. Frente a questões, como enfrentamentos diários, passeatas, marchas, estamos constantemente fazendo ressoar nossos pensamentos, angústias, justicas e dores. O que realmente precisamos é de escutas sensíveis a essa causa, porque essa é uma questão de todas as pessoas e, como diz o jornalista e psicanalista Roberto Rodrigues, “se o racismo é uma questão social... é preciso ouvir o que está além dos ruídos sociais.”

O que “está além dos ruídos sociais” pensamos que possa estar subjetivamente dentro de nós! Aqui, entramos em outra luta, o que chamaremos de peito pra dentro. Junto às reflexões frente a esse termo, trazemos novamente o pensamento de Rodrigues: “O negro brasileiro é um negro único no mundo porque não se vê como um povo. Não foi educado para se ver como um povo. O negro brasileiro foi programado para sequer se ver como negro.”

Sendo assim, dores internas precisam ser ouvidas, inicialmente por nós, uma autoanálise que nos faça olhar para nossas dores, traumas, relacionamentos etc. Elas reverberam e transformam-se em lutas, bem sabemos. Por isso, o autocuidado.

Lembramos aqui a teoria freudiana em “recordar, repetir e elaborar”, processos pelo quais passamos e que exigem um trabalho psíquico intenso, que, por vezes, implica em olhar para si e buscar respostas que, apenas nós, no “divã pessoal”, podemos responder. Por isso, trazemos o olhar do que significa a luta por uma causa dentro ou fora de nós, significados que nos incomodam ou nos acomodam, nos fortalecem ou enfraquecem. Diz Freud: é “apenas através de sua própria experiência e infelicitos que uma pessoa se torna sagaz”. Façamos assim com nossas lutas.

Vivemos desde sempre numa sociedade hegemonicamente branca, que nos torna invisíveis, inferiores, que nos pregam um protótipo de identidade, e, o pior, nos

identificamos. Sobrevivemos e vivemos a um racismo perverso e por herança, em que os nossos, digo, a nossa ancestralidade negra, sofreu e que hoje para nós é um sinal, um símbolo de resistência proclamando ao mundo quem somos nós. E, mesmo assim, seguem as dores e marcas do racismo, como diz Silvio Almeida, “que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam.”

Junto ao Silvio, trazemos a fala de Audrey Lord quando diz que “cuidar de mim mesma

não é autoindulgência, é uma autopreservação, e isso é um ato de guerra política”. Em nome dos que se foram e dos que estão, incluímos-nos neste ato e lembremo-nos do autocuidado, para que tenhamos forças para além de nós. Res-pi-re-mos novamente, olhemos sempre dentro ao abraçar as lutas externas. Inspiremo-nos e levantemos as mãos em punhos erguidos. Digamos ao mundo a que viemos. Unamos-nos a todas as forças de Olorum, ancestral, Ubuntu às forças internas, para que nossas lutas sejam de cuidado, determinação e afirmação. Parafraseando Sater e Teixeira, é preciso causa para poder pulsar e coragem para florir!

Mesmo no mundo Matrix: Obrigado, soldado!

» OTÁVIO SANTANA DO RÉGO BARROS
General da reserva, foi chefe do Centro de Comunicação Social do Exército

“Marcha, soldado, cabeça de papel, quem não marchar direito vai preso pro quartel.” Essa é uma cantiga antiga, muito conhecida nas brincadeiras da minha infância. A garotada se juntava, arremedando militares em deslocamento, tentando marchar mais ou menos alinhada. Era difícil acertar o passo. A panela, que representava o bumbo, estava em péssimo estado, e a baqueta era um galho de árvore. O “comandante” gritava: “Um, dois”. O restante respondia: “Três, quatro”.

O chapéu de papel de jornal compunha o uniforme do combatente mirim. Às vezes, um cabo de vassoura simulava um cavalo que todos queriam montar. Aquelas crianças transbordavam energia. Para elas, ser soldado era ter coragem, viver emoções, ser nobre, sem adjetivação. Muitas coisas mudaram nos folgedos infantis, mas esse interesse por coisas de quartel persiste nos pequeninos.

Em casa, tenho exemplo nos meus netos. Soldadinhos de plástico Gulliver, forte apache com soldados usando chapéus de cowboys e miniaturas de carros de combate da Segunda Guerra Mundial são seus passatempos preferidos. No imaginário dos pequeninos, a missão é vencer o mal. É provável que o histórico familiar os tenha estimulado a imitar a profissão de soldado: o pai, a mãe, os avós. Mas essas duas crianças não são exceções. Em outros lares, brinca-se da mesma forma.

Alfred de Vigny, em sua obra *Servidão e grandeza militares* (Bibliex, 1975), descreve a

“nobreza sem adjetivação” em três histórias de soldados que dedicam suas vidas ao Estado, ao povo e aos companheiros de farda. O comandante de navio com seu apego doloroso às ordens e, ao mesmo tempo, compaixão extremada pelos mais fracos. O tenente da guarda que sofre a morte do ajudante de seu quartel devido ao rigor deste subordinado no cumprimento de seus afazeres funcionais. E o capitão com bengala de junco que tomava por virtudes a simplicidade, a discrição e a seriedade, atributos que, paradoxalmente, o fizeram estacionar no posto intermediário

Publicada em 1835, a obra explora aspectos anímicos e singulares associados à carreira de soldado que os distinguem do mundo de casaca: vida de submissão e disciplina, hierarquia rígida e isolamento do mundo civil, heroísmo e coragem, resignação e patriotismo. O ensaio é uma homenagem e, ao mesmo tempo, uma reflexão profunda sobre as tensões entre dever e liberdade, prestígio e sacrifício.

Caros leitores, acalentado pelo texto de Alfred de Vigny, o Exército Brasileiro comemora amanhã, 25 de agosto, o Dia do Soldado. A efeméride é um tributo ao mais admirado militar da força terrestre, Luís Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias. Se Vigny o tivesse conhecido, certamente se entusiasmaria com aquele homem, com seus exemplos, com seu legado, com sua firmeza de convicção e com sua nobreza de caráter.

Caxias é uma das figuras mais emblemáticas da história militar e política do Brasil.

Nascido em 25 de agosto de 1803, no Rio de Janeiro, muito cedo ingressou na caserna, destacando-se em vários momentos da evolução do país. Das guerras pela independência ao comando de tropas legalistas nos conflitos internos, culminando com a chefia das tropas aliadas na Guerra da Tríplice Aliança, Caxias — O Pacificador — liderou abraçado com as mais significativas virtudes militares.

A nobreza de Caxias inspira. Outros soldados a carregam em seus alforjes junto com as rações e os fuzis. São muitos os capitães com bengala de junco, os comandantes de navio, os ajudantes de quartel em nosso Exército. Mas foi Caxias, repito, o maior desses cidadãos-soldados.

As crianças do início do texto, por serem inocentes, não sabem que suas liberdades dependem dos soldados que elas festejam, dos Caxias que se entregam em servidão. Mas elas são crianças! O que não se compreende é uma parte madura da sociedade teimar em desconhecer o legado do Pacificador e de outros militares que protegeram e protegem o Brasil de antagonismos.

No mundo Matrix em que vivemos, onde realidade e ficção se confundem pela ingestão das pílulas azuis ou vermelhas (a verdade dolorosa ou a ignorância abençoada) e onde a sociedade, nas questões securitárias, ainda brinca de “marcha soldado, cabeça de papel”, os verdadeiros soldados permanecem atentos. E, por estarem atentos, merecem o nosso efusivo reconhecimento: Obrigado, soldado!

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

Grupos infernizam as madrugadas da Asa Norte

Imagens que circulam nas redes sociais vêm despertando indignação geral, pois mostram hordas de moradores de rua perambulando nas madrugadas pela Asa Norte, cometendo todo o tipo de vandalismo e crimes. As imagens foram captadas por diversos moradores locais e em ângulos diferentes. Escondidos detrás de cortinas e persianas, apavorados com o que documentavam, os brasilienses residentes em muitas áreas desse bairro assistem a tudo, com um misto de terror e desespero.

São dezenas desses catadores de papéis e outros mendigos que se juntam e saem pelas ruas revirando lixeiras, quebrando e danificando placas e postes de iluminação, invadindo casas e roubando o que encontram do lado de fora nas varandas. Tudo é pilhado, desde vasos de plantas, containers, carros e tudo o mais que encontram pela frente.

Essas arruaças perigosas são sempre impulsionadas por um grande consumo de drogas e bebidas, tornando esses bandos ainda mais perigosos. O que espanta é que, nesses casos e por repetidas vezes, os moradores acionam a polícia, que raramente é vista para conter esses desocupados. Não é de hoje que se sabe que boa parte do dinheiro arrecadado com a coleta de papéis e outros produtos, assim como o que é amealhado com esmolas, é gasto na compra de drogas e bebidas.

Muitos desses moradores de rua também conseguem alguns trocados com a venda de drogas, principalmente o crack. A situação, como mostram as imagens, saiu de controle. Ao que os cidadãos assistem agora, na forma de um imenso problema social, é a formação embrionária das cracolândias, que migraram de outras partes da cidade para a Asa Norte e parte da Asa Sul.

Quando a madrugada chega, muitos moradores sabem que o pesadelo recomeçará. Ninguém, nesse momento, se atreve a sair de casa. Naquelas quadras situadas acima do Eixão, a situação é fora de controle. O prejuízo para moradores e comerciantes é sempre grande e constante. As ruas de nossa cidade, outrora tranquilas como cidades do interior, de uns anos para cá, se transformaram em verdadeiros cenários de guerra. As polícias militar e civil parecem que não estão dando conta do recado, tamanha é a quantidade de chamadas pedindo socorro.

Nessas regiões, o que impera é o medo dos cidadãos que pagam impostos para serem usados em educação, saúde e segurança. Mas não é o que veem. Não bastasse as áreas verdes terem se transformado em locais de acampamento, agora toda a cidade vai se rendendo a um fenômeno que mistura problema social severo com criminalidade incontrolável e crescente.

O governo, ao qual a cidade e a segurança de seus habitantes são confiadas, precisa, o mais urgente possível, vir a público e apresentar um plano de segurança efetivo que ponha fim a essas ondas de banditismo. Ou se faz algo agora, ou a situação ganhará escala para um processo de guerrilha urbana, onde o “salve-se quem puder” será voz corrente.

» A frase que foi pronunciada.

“Nós, o povo, não compreendemos nossos representantes.”

Entrelinhas do preâmbulo da Constituição brasileira

Aparências

» Tocado pela situação do lavador de carros que trabalhava mesmo tendo deficiência, o morador da 213 Norte resolveu atender ao pedido. Comprou uma boa cadeira de rodas para o rapaz. Passados alguns meses, percebeu que o homem não lavava mais carros por ali. Perguntou ao porteiro que respondeu com um sorriso nos lábios: “Ele vendeu a cadeira que o senhor deu e sumiu daqui”. Meses depois o destino colocou os dois cara a cara. O doador da cadeira revoltado com o golpe falou sem titubear. “Mas você usou a única perna que tem para passar em mim!”

Conquista

» Um aumento de mais de 50% nas candidaturas de pessoas negras para prefeituras e câmaras municipais. A Justiça Eleitoral afirma que é apenas a segunda vez na história que isso acontece.

Consumo dor

» O deputado Jorge Viana, da Câmara Legislativa do DF, está no grupo que vai sair pela cidade para defender os absurdos praticados contra os consumidores. Um deles é desembolsar R\$ 15 por uma garrafinha de água mineral, valor cobrado no aeroporto de Brasília. A solução vai ser instalar bebedouros tanto no saguão de embarque quanto no desembarque.

» História de Brasília

O assunto veio à baila, mesmo quando o deputado Ademar Costa Carvalho resolveu contar tudo ao prefeito Sette Câmara, e inúmeras acusações foram feitas à administração Laranja Filho. (Publicada em 18/4/1962)